

CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS :

PERFIL INSTITUCIONAL E HISTÓRICO .

José Maria Nunes Pereira

Centro de Estudos Afro-Asiáticos

Conjunto Universitário Cândido Mendes

Comunicação apresentada no Seminário
sobre Instituições Afro-Brasileiras
Evento SECNEB 81
Salvador, 12 a 17 de janeiro de 1981

Centro de Estudos Afro-Asiáticos - CEAA:

Perfil Institucional e Histórico

1- Introdução

O CEAA é um centro de estudos de nível universitário que faz parte do Conjunto Universitário Cândido Mendes, o qual, por sua vez, é mantido pela Sociedade Brasileira de Instrução - entidade privada de fins não lucrativos, fundada em 1902, com sede na Praça XV de Novembro, 101 no Rio de Janeiro.

O Conjunto Universitário Cândido Mendes conta em seus vários cursos, incluindo os de pós-graduação, com cerca de 12 mil alunos. Em seu campus da Praça XV, é composto pela Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas - pioneira na América Latina, criada em 1926 - e pela Faculdade de Direito. O seu campus de Ipanema, constitui-se de uma Faculdade de Economia e Administração de Empresas e de uma Faculdade de Direito. Na cidade de Campos, funciona uma Faculdade de Economia e Administração de Empresas e, em Friburgo, uma Faculdade de Administração. Ao Conjunto Universitário se integram também - além do Centro de Estudos Afro-Asiáticos - o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) - único centro de pós-graduação (mestrado e doutorado) do nosso Estado nas áreas de Ciências Políticas e Socioeconomia -, o Centro de Memória Social Brasileira e mais cinco institutos em diversas áreas do Direito.

O CEAA está ligado, do ponto de vista orgânico, diretamente à Presidência da SBI. O Prof. Cândido Mendes é o seu Diretor e o Vice-Diretor, com função executiva desde a sua criação em 1973, é o Prof. José Maria Nunes Pereira.

2- Objetivos

O CEAA, inicialmente, formulou os seus objetivos no sentido do estudo e da divulgação da história e das culturas africanas e asiáticas, da pesquisa das relações afro-brasileiras e da reavaliação dos valores culturais de origem africana participantes da sociedade brasileira.

Esses objetivos visam desenvolver um espírito acadêmico de estímulo à produção de um conhecimento das realidades do Terceiro Mundo, no qual o Brasil está inserido, e a promover a descolonização do estudo das Ciências humanas em nosso País, ainda submetido a uma abordagem europeocêntrica.

O CEAA centraliza atualmente os seus programas na pesquisa das Relações Internacionais, com ênfase na África e na Ásia e nas relações da América Latina, em geral, e do Brasil, em particular, com esses dois continentes - na perspectiva do diálogo e da cooperação Sul-Sul - , e nos Estudos Afro-Brasileiros.

Quanto aos Estudos Afro-Brasileiros, temos duas preocupações básicas. A primeira é a de contribuir para a revisão da historiografia oficial brasileira, de modo a reavaliar a participação do negro na formação da sociedade brasileira. Para isso, há que incluir na História do Brasil o conhecimento das variadas sociedades africanas que participaram, devido ao tráfico de escravos, como uma das principais matrizes da nossa nacionalidade. A segunda preocupação é a de analisar os vários tipos de instituições afro-brasileiras e o seu papel na transformação das relações raciais no Brasil na direção de uma verdadeira - e, não, mitológica - democracia racial e social.

3- Perfil histórico - institucional

Procuraremos, como nos foi solicitado, abordar a partir de agora o por quê do nascimento da instituição, em que contexto ele se deu e quais os principais antecedentes históricos. Pretende -se, com o estudo de caso do CEAA, contribuir para o entendimento, em suas linhas gerais, daquilo que faz nascer uma instituição, das forças e motivações que a possibilitam manter-se, reproduzir-se, e crescer; da mesma forma, o modo como ela é vista no meio em que se insere e o que ela acredita representar nesse meio.

No caso do CEAA, seguiremos esse roteiro enfatizando não tanto o nosso trabalho no campo dos estudos africanos e asiáticos, mas sobretudo na área dos estudos afro-brasileiros, centrada nos problemas da questão racial brasileira e da História do Negro no nosso país.

3.1- O contexto histórico e político da criação do CEAA

A idéia da criação do CEAA partiu do Prof. Cândido Mendes, no final de 1972, quando nomeou José Maria Nunes Pereira seu assistente no curso de Sociologia Política que ministrava na PUC. Ele soube que Pereira, além de ter ministrado satisfatoriamente o referido Curso, possuía uma boa biblioteca básica sobre África e um arquivo de documentos e artigos. Dois interesses se complementaram, para a criação do CEAA: o do Prof. Cândido Mendes e o de José Maria Nunes Pereira.

Cândido Mendes havia sido Chefe da Assessoria Técnica do Presidente Jânio Quadros, com responsabilidade na formulação e execução da política africana do Presidente, e dirigira o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos - IBEAA,

criado por Quadros e, ao tempo, ligado diretamente à Presidência da República. Para Cândido Mendes, a criação do CEAA representava a continuidade da sua vocação terceiro-mundista e significava uma retomada do trabalho desenvolvido pelo IBEAA, que fora desativado após 1964.

Para José Maria Nunes Pereira, o CEAA constituiu a possibilidade de continuar trabalhando com a realidade afro-asiática, especialmente a africana, prática que vinha realizando de modo irregular desde 1960, quando - estudante ainda, em Portugal - fora nomeado secretário cultural adjunto da Casa dos Estudantes do Império (Porto), celeiro de futuros dirigentes nacionalistas das ex-colônias portuguesas. De volta no Brasil, Pereira continuou a manter ligações pessoais com dirigentes dos movimentos de libertação da África e participou ativamente de sucessivas tentativas para a criação de institutos de estudos africanos (Movimento Brasileiro de Apoio à Libertação de Angola, Associação Brasil-Senegal, Sociedade Africana de Cultura etc.). Trabalhou durante três anos para a Encyclopaedia Britannica (Mirador Internacional), elaborando os verbetes sobre a História dos Países Africanos.

Dispondo de uma pessoa com conhecimento e bom material básico, Cândido Mendes fundou o CEAA apesar das dificuldades de ordem financeira e de espaço físico para a sede. Basta lembrar que o primeiro curso ministrado pelo CEAA realizou-se, em janeiro-março de 1973, numa sala alugada de uma escola infantil, curso que contou com a participação de 28 alunos entre Professores e universitários.

O contexto nacional não era favorável à plena atividade de um centro de estudos com os objetivos do CEAA. Apesar da viagem realizada pelo Chanceler Gibson Barbosa à África, em 1972, o governo brasileiro mantinha seu apoio ao colonialismo português e estreitava as relações econômicas com a África do Sul. Nos meios militares falava-se com insistência na necessidade de um pacto militar do Atlântico Sul, que uniria o Brasil e os países do Cone Sul do nosso continente ao "poder branco" da África Austral, isto é, Portugal, África do Sul e Rodésia.

Do ponto de vista da política interna brasileira, vivia-se um clima de asfixia cultural e de cerceamento da liberdade de ensino nas universidades. O espírito liberal de Cândido Mendes e seu prestígio nacional e internacional permitiram que, nessa ocasião, os cursos ministrados e os textos publicados pelo CEAA analizassem as lutas de libertação na África e na Ásia e denunciasse, como contrária ao interesse nacional, a política externa brasileira de apoio ao "poder branco" na África Austral.

Tal tipo de atuação acadêmica atraiu para o CEAA, como alunos, estagiários e beneficiários, uma vasta camada de um público universitário que estava impedida de ter acesso a esse tipo de formação e informação nas suas faculdades. Esse alunado buscava, dessa maneira, compensar a magra dieta de discussão política nacional com tomada de consciência sobre as revoluções na África, Oriente Médio e

Indochina. O CEAA foi, por conseguinte, solicitado a realizar mais de uma dezena de conferências, com áudio-visual, em faculdades, colégios e cursos de vestibular para um público que chegava a 300 pessoas por sessão. A imprensa alternativa procura no CEAA fontes de informação, e muitos dos artigos sobre África publicados por essa é época tiveram origem em nossa sede. Os contatos não oficiais com os movimentos de libertação da África e Oriente Médio são intensificados, aproveitando muitas vezes os canais diplomáticos da ONU e das embaixadas africanas no Brasil.

O que acima intentamos descrever, constitui o que hoje consideramos como a fase de difusão do CEAA, quando por vezes se privilegiava a informação em detrimento da pesquisa em profundidade. Essa fase correspondia à exiguidade da equipe do CEAA, formada apenas por dois Professores na área de África, um na de Ásia e outro na de Oriente Médio; os demais membros compunham o corpo de estagiários. Há que considerar, ademais, que o grau de informação do público universitário sobre o mundo afro-asiático era extremamente precário e distorcido por uma ideologia europocêntrica.

3.2- O CEAA e a questão racial brasileira

É ainda na fase de difusão, mas já em 1974, que o CEAA se torna um local de estudo de um numeroso grupo de intelectuais e estudantes negros, que, inicialmente, procuravam-nos apenas em busca de informações sobre África e História do Negro no Brasil.

A 21 de março de 1974 o CEAA comemorou, pela primeira vez no Brasil, o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial. Essa tomada de posição aproximou mais os negros, que passaram a realizar semanalmente, aos sábados das 16 às 21 hs. seminários sobre o racismo no Brasil e sobre História da África. Nos seus primeiros passos esses seminários são dinamizados por Beatriz Nascimento, o primeiro dos quais em abril de 1974, reuniu pouco mais de uma dúzia de pessoas. Um ano mais tarde, ascende a mais de 120 o número de negros que, através do Departamento Afro-Brasileiro do CEAA, se reúnem em grupos de estudos.

De 30 de maio a 23 de junho de 1974, o CEAA e o SECNEB - Centro de Estudos da Cultura Negra no Brasil, realizam as "Semanas Afro-Brasileiras", no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, evento inédito no Brasil nos termos em que o SECNEB, principal organizador, elaborou o programa. Entretanto, parte importante das atividades previstas foram proibidas por interferências do Itamarati junto ao MAM. As "Semanas" foram consideradas um êxito, sobretudo porque contou com a presença de mais de mil de pessoas das comunidades negras de todos os bairros da Cidade.

A 29 e 30 de novembro, o CEAA realizou o seu 1º Encontro de Pesquisadores da Cultura Negra no Brasil. Esse encontro, que reuniu acadêmicos de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Campinas, caracterizou-se marcadamente pela participação ativa de um público majoritariamente negro.

A pergunta impõe-se : por que a comunidade intelectual negra, sobretudo os jovens, procurou o CEAA e completou ali uma importante fase do seu amadurecimento intelectual e organizativo ? Pensamos que, em primeiro lugar, pela oportunidade, inexistente em qualquer outra instituição, que o CEAA possibilitou relativamente à inauguração de um espaço de liberdade e à prestação de um apoio logístico que cobria riscos políticos quase certos. Em segundo lugar, esses jovens negros se aperceberam que poderiam fazer um bom uso institucional do CEAA, em termos de recursos de estudo e de documentação, até poderem organizar nas próprias instituições de caráter mais específico e não obrigatoriamente universitário. De fato, do número 30 grupo que semanalmente se reunia no CEAA, saíram alguns dos dirigentes das atuais instituições afro-brasileiras do Rio de Janeiro : SINBA (Sociedade de Intercâmbio Brasil Brasil-África) , IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras) , CEBA (Centro de Estudos Brasil-África) e o Grupo André Rebouças da Universidade Fluminense. Hoje o CEAA mantém com essas instituições relações de estreita cooperação e intercâmbio.

É fundamental salientar que a participação dos negros nas atividades do CEAA , a contribuição e o peso relevante que eles deram à instituição, era já uma consequência e, não, uma causa da efervescência do movimento negro do início dos anos 70. Esse movimento corria subterraneamente aos bailes do black soul e deitava raízes em vários outros grupos espalhados não só pelo Rio de Janeiro, como em todo o Brasil, especialmente em São Paulo. Se ao CEAA coube nesse movimento algum papel relevante, este foi o de catalizador e de apoio institucional.

3.3 - O CEAA E A COOPERAÇÃO COM OS PAÍSES AFRICANOS

No segundo semestre de 1974 o vice-diretor do CEAA realizou uma viagem à África que incluiu a Guiné-Bissau, Angola e Moçambique. O objetivo era o de analisar o processo de transição para a independência de Angola e Moçambique e atender à solicitação do governo da Guiné-Bissau, então já independente, de estabelecimento de cooperação imediata com o CEAA. Entre o Governo Guineense e o CEAA iniciou-se um processo de cooperação que teve sequência no envio de cerca de 1.300 livros Brasileiros e de uma missão de dois técnicos em planejamento educacional , em 1975. Estes, juntamente com os dirigentes guineenses, elaboraram quatro projetos na área educacional, que foram apresentados ao governo brasileiro pela Delegação ministerial guineense que visitou o nosso país, em março de 1976. Entre

esses projetos destacava-se o da criação pelo CEAA, em Bissau, com financiamento do governo brasileiro, de um Instituto para a formação de técnicos e professores do 2º Grau, de que a Guiné tinha necessidade.

Apesar da promessa inicial do Itamarati de apoio financeiro aos projetos, isso não ocorreu, ficando esses projetos sem execução até hoje, nem por parte do CEAA, nem de qualquer instituição governamental brasileira.

Tal fato nos fez refletir sobre o nosso papel nessa fase de cooperação que marcaria o CEAA até 1977. É de lembrar que o CEAA foi a primeira instituição brasileira a visitar os países africanos de língua portuguesa após a derrocada do colonialismo lusitano. Por que ocorreu interrupção da experiência de cooperação? Qual era a expectativa, quanto ao CEAA da parte da Guiné-Bissau e do governo brasileiro?

Quanto à expectativa inicial da Guiné-Bissau, penso que teria sido a de utilizar uma instituição já conhecida do tempo da guerra da independência, por tanto com legitimidade própria, e através dela, observar melhor os propósitos e parâmetros da cooperação governamental brasileira.

No que se refere ao Itamarati, julgo que aproveitou a legitimidade do CEAA na África para aproximar-se mais rapidamente do Governo Guineense fazendo com que este Governo tomasse a iniciativa de formular os primeiros pedidos de cooperação. Por que o Itamarati não os cumpriu? Por que o projeto principal - o da criação do Instituto - era por demais dispendioso para o papel de "vitrine da cooperação brasileira" que caberia à Guiné-Bissau. Esse papel já era menos necessário dada a aproximação, mais rápida do que se previa, do Brasil com Angola, parceiro considerado mais lucrativo por Brasília.

Realizamos, em agosto de 1976, mais uma viagem à Guiné-Bissau para inteirarmo-nos de todos os detalhes desses acontecimentos. A nossa reflexão sobre o assunto foi a de que o CEAA, tendo realizado um trabalho pioneiro no interesse dos africanos e do povo brasileiro, não deveria usar mais o seu prestígio e legitimidade para servir à priori de intermediário de programas de cooperação com a África. Deveria aguardar que dois governos - o brasileiro e qualquer um dos africanos - entrassem em acordo prévio e seguro, para que, depois, o CEAA pudesse dar a sua contribuição através da formulação e eventual execução de projetos elaborados dentro do quadro do Programa das Nações Unidas de CTPD (Cooperação Técnica entre países em Desenvolvimento), com financiamento total ou parcial do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Assim temos procedido e, no momento, temos um vasto programa submetido à apreciação, para financiamento, do PNUD e da UNESCO, visando a realização de pesquisas e de um congresso que reunirá centros de estudos africanos da América Latina e da África.

Entretanto, mantemos um programa informal, chamado de "cooperação silenciosa", que visa a preparação, através de sessões de trabalho intensivo, de cooperantes voluntários brasileiros contratados pelos governos africanos, especialmente os dos países de língua portuguesa.

3.4 - O CEAA e o fortalecimento institucional e acadêmico .

A experiência no campo da cooperação levou-nos à convicção de que para produzir um trabalho que influencie e contribua eficazmente para uma aproximação, de interesse mútuo, entre o Brasil e os povos africanos e asiáticos era necessário um maior fortalecimento institucional, com financiamento de entidades nacionais e internacionais .

Por outro lado, optamos pelo estudo das Relações Internacionais como abordagem prioritária aos problemas da África, da Ásia e da política externa brasileira. Demos lugar de destaque aos estudos afro-brasileiros que envolvem hoje seis professores e pesquisadores.

O sinal mais significativo desta fase de reforço institucional, visando transformar o CEAA num centro de pós-graduação em Relações Internacionais (África e Ásia) e Estudos Afro-Brasileiros foi a contratação de mais professores, entre os quais três africanos, e o lançamento, em princípio de 1978 , da nossa revista " Estudos Afro-Asiáticos ", no momento no nº 4 no prelo.

Outro sinal de fortalecimento institucional e maior legitimidade acadêmica foram os financiamentos que passamos a receber do CNPq , da Fundação Léopold Sanghor e da Fundação Ford.

Um resumo de nossas atividades e dos programas para os próximos dois anos está contido, em anexo, neste trabalho. Nele poderemos tomar conhecimento do que se realizou em 1980 e o que está em andamento ou em previsão para os anos próximos.